

## ARTIGO LIVRE

# OPRESSÃO DA CRENÇA POPULAR SOBRE POSSESSÃO DEMONÍACA E A VISÃO MÉDICO-HIGIENISTA DO SÉCULO XIX

## OPPRESSION OF POPULAR BELIEF ABOUT DEMONIC POSSESSION AND THE MEDICAL-HYGIENIST VIEW OF THE NINETEENTH CENTURY

OTÁVIO BARDUZZI RODRIGUES DA COSTA\*

### RESUMO

Esse artigo pretende tecer considerações sócio -filosóficas de como a medicina do séc. XIX encarava o fenômeno antropológico da possessão demoníaca. O recorte será a possessão entre os pentecostais tradicionais e de como a medicina evoluiu e hoje já tem uma compreensão um pouco diferente do que era. Na medicina do século XIX o fenômeno da possessão era visto como uma patologia, mas estava diagnosticada através de uma visão cientificista e positivista, porém ela não passa de uma manifestação cultural. Medicalizar e patologizar uma expressão cultural demonstra uma falta de empatia a cultura, ainda hoje há indícios de tal prática.

**PALAVRAS CHAVES:** pentecostalismo; possessão; Sociologia da religião; filosofia da religião.

### ABSTRACT

This article intends to weave socio-philosophical considerations of how the medicine of the century. XIX saw the anthropological phenomenon of demonic possession. The clipping will be the possession among the traditional Pentecostals and of how medicine has evolved and today already has a slightly different understanding of what it was. In nineteenth-century medicine the phenomenon of possession was seen as a pathology but was diagnosed through a scientific and positivist view, but it is only a cultural manifestation. Medicalizing and pathologizing a cultural expression demonstrates a lack of empathy for culture, even today there are indications of such practice.

**KEYWORDS:** Pentecostalism; possession; Sociology of religion; philosophy of religion.

Demônios sempre apareceram, ou melhor, a crença em demônios e possessões sempre são relatados em tempos de crise, e há inúmeros relatos na história. A possessão também é um estudo caro na antropologia. Episódios de crença e possessões é um relato constante em várias culturas e religiões diferentes, mas sempre está ligado a uma situação de crise. Alguns relatos oficiais e médicos também declaram o episódio da possessão. Não se pode afirmar cientificamente que uma figura demoníaca exista, mas os relatos estão bem registrados na história, o que importa é que milhares de pessoas acreditam e isso perfaz um quadro cultural passível de estudo nas Ciências humanas e médicas.

Milhões de caso são registrados em diversas culturas. As mais antigas referências à possessão demoníaca vêm dos sumérios, que acreditavam que todas as doenças do corpo e da mente eram causadas por "demônios de doenças" chamados *gidim*.<sup>1</sup> Nas culturas xamânicas e animistas é um termo recorrente. Alguns casos relatados na história famosos são: O caso relatado na Cidade Salem, em Loudun por Certeau e inúmeros registros na idade média<sup>2</sup>, mais atualmente o caso de Anneliese Michel, George Lutkins, Robbie Mannheim, Michael Taylor, Clara Germana Cele e inúmeros relatos nas igrejas pentecostais.

Um famoso caso de um autor brasileiro é relatado na obra de José de Souza Martins e no seu celebre livro *A aparição do demônio na Fábrica*, onde relata uma crise na mudança de um sistema de trabalho que foi muito maléfico aos trabalhadores. Nessa obra ele afirma que “em crises a pessoas sempre procuram alguém em quem culpar”<sup>3</sup>. Se creem ou participam da religião de imaginário judaico cristão é fácil culpar o diabo.

Os diabos sempre aparecem em situações de crise e comoção social, por isso em meio ao pentecostalismo brasileiro, um público sempre oprimido por uma situação econômica e social difícil é comum o quadro de possessão demoníaca.<sup>4</sup> Também cresce no Brasil e na Itália padres católicos exorcistas numa tentativa de conter o crescente ateísmo e conversões a outras religiões e outras crises típicas da pós-modernidade. Em meio às crises, a falta de percepção do quadro político econômico, as pessoas precisam culpar alguém por seus diversos fracassos ou de seus amados, porque não culpar o demônio ao invés do alcoolismo ou da drogadição de seu filho, ou de sua conduta criminosa. Os horrores a fome, a morte as vezes é tanta, que não se acredita que outro humano (os políticos?) sejam responsáveis pela miséria e guerra, assim porque não culpar o diabo?

Assim o homem transfere o seu próprio mal de sua responsabilidade assumindo a tendência humana de má-fé como diria Sartre (1997), perde a responsabilidade de seus crimes, do mal que faz e passa a uma entidade metafísica. Passar a responsabilidade para uma pessoa, ainda que seja algo não-humano (no sentido da obra Latouriana), é uma tendência humana, apenas superando tal tendência é que se encaminha para a melhora do gênero humano e a cura interior de seus próprios erros. Os demônios que são arquétipos não humanos, podem ter agencia na análise social, não os demônios, mas a agencia da do elemento não humano. Latour, afirma que os elementos não humanos agem. Eles deixam de ser apenas artefatos, cuja significação é atribuída pelo homem, e passam a ter agência, ou seja, participam das ações nas situações cotidianas e provocam transformações. Claro que Latour

(idem) afirma que na verdade os elementos não humanos são humanos, mas não são atribuídos pela comunidade em estudo como tal, há de se tomar o cuidado de que tais “objetos não sejam transformados em intermediários, aqueles que apenas transportam ou refletem a ação humana”<sup>5</sup>.

Claro que nem todo fenômeno de manifestação possessória é má-fé, e sim uma manifestação de transe conforme a crença de cada pessoa. Não cabe aqui analisar profundamente o porquê ocorre o fenômeno de possessão, uma certeza afirma-se, não é sempre caso de doença. Tal condição tem que ser respeitada uma vez que não é a ciência médica que tem monopólio da verdade. A intenção desse artigo não é provar a existência ou não de seres míticos, mas sim mostrar um pouco da cultura em torno do exorcismo e como a medicina no Brasil no séc. XIX tratava disso.

### **Um pouco mais de teoria da possessão**

A possessão demoníaca já é largamente estudada pela antropologia da religião e do corpo. Nossa pesquisa mostra que o corpo e suas aparências têm profundas relações com o meio social, quando intermediado, com a busca pelo Divino, através de um tipo de religião específico torna-se interessante objeto de. Ao ser admitido (convertido) em um grupo o novo membro começa a utilizar uma nova linguagem para referenciar o mundo. Exorcismo e libertação, cura e salvação, prosperidade e sucesso são três aspectos indissolúveis da visão teológica dos líderes das igrejas estudadas, que, de uma maneira bem prática,

procuram apresentar ao fiel mais do que uma visão de mundo, mas um “guia para a ação sobre o mundo”<sup>6</sup>.

A manifestação tipicamente de transe demoníaco pode variar de cartas, grunhidos, gritos, giros, quedas, desmaios que sempre respondem ao comando da pessoa que está orando que “paralisa” o demônio em nome de Jesus. Ao ouvir esse nome, o possuído por demônio para e prostra-se ante o orador que em nome de Jesus exorciza-o, mandando embora. A pessoa sai do transe relatando se sentir bem apesar de cansada. Os relatos são vários tais como: “estou me sentido leve, melhor” e logo em poucos cultos relata na frente da igreja a libertação alcançada. Oportunamente nos referiremos mais aos tipos de transe e seus significados.

Estados alterados de comportamento que podem ser definidos como transe são observadas em várias comunidades humanas através do tempo pelos antropólogos. Esses fenômenos são relatados por historiadores desde a antiguidade e notadamente no cristianismo. Vários santos da igreja católica são retratados em êxtase como obra do contato de deus ou atormentados por demônios.

Na iconografia cristã são vários os episódios de transe e êxtase ou mesmo de possessão ou obsessão demoníaca o que prova que através da história primitiva cristã e ainda hoje o demoníaco se está fazendo presente na crença religiosa.

Assim a pessoa atribui a uma segunda consciência seus males, e nem sempre está consciente disso, não necessariamente há algum problema psíquico, mas ocorre mais por uma imitação grupal

inconsciente ou ao menos relatada de que quando possesso não se lembrava de nada.

Somente na segunda metade do século XX os fenômenos espirituais não explicáveis na visão de poucos e raros psiquiatras e neurologistas e que esses fenômenos foram incluídos como integrantes do universo cultural da sociedade e sem patologias, porém no meio médico é muito comum patologizar tais fenômenos. É claro que ainda há de ser feita muita pesquisa científica para se descobrir a natureza psíquica-neural desses fenômenos, o que tem ocorrido grandemente nas ciências cognitivas.

Por exemplo, Tajima-Pozo e seus colegas<sup>7</sup> relataram o caso de uma mulher de 28 anos na Espanha, que tinha sido diagnosticado com esquizofrenia paranoide. Ao longo de 5 anos que tinha sido tratada com fármacos antipsicóticos tais como clozapina, risperidona, ziprasidona e onlanzapine, sem remissão completa. Internada em uma clínica psiquiátrica, foi convencida por religiosos de que estava possuída por demônios. Alguns dos sacerdotes tinham conhecimento da história psiquiátrica do paciente e supervisionado por médicos realizaram várias sessões ao que foi benéfico, uma vez que logo sua patologia foi remida.

O dicionário Aurélio define o êxtase como “arrebatamento íntimo; enlevo, arroubo, encanto” ou “admiração de coisas sobrenaturais; pasmo, assombro” ou, ainda, como “fenômeno observado na histeria e nos delírios místicos, e que consiste em sentimento profundo e indizível que aparenta corresponder a enorme alegria, mas que é mesclado de certa angústia: fica o paciente quase de todo imobilizado, parecendo haver perdido qualquer contato com o mundo

exterior”. Já o verbete transe é posto como “momento aflitivo”, “ato ou feito arriscado; ocasião perigosa; lance”, “crise de angústia”, “falecimento, passamento, morte”, “combate, luta” e, também, “estado de médium ao manifestar-se nele o espírito”. Quanto ao termo possessão além do significado jurídico de posse no que se refere ao espiritual é definido como: “ato em que o iniciado ou filho-de-santo recebe o seu orixá, tornando-se o seu cavalo e materializando a divindade” (Dicionário Aurélio - verbetes êxtase e possessão).

Maues define os termos como:

Transe e êxtase: um sentido ligado a estados que, embora emocionais, podem ser experimentados por todos (arrebatamento, enlevo, aflição etc.); ou pode ser estados alterados de consciência provocados por doença psíquica; e, finalmente, possessão, estados (alterados de consciência?) místicos ou não místicos, mas que resultam de uma influência, considerada exterior, sobre o corpo (e a mente) do indivíduo (hipnose, intrusão de espírito etc.)... “Possessão” é, pois, o termo que expressa a crença das pessoas relativa a determinados sintomas manifestados por alguém que acredita e/ou de quem se diz ter tido o corpo invadido ou tomado por alguma entidade espiritual ou de alguma outra natureza que permita esta forma de intrusão. O comportamento dessa pessoa “possuída” pode ser descrito (numa versão um tanto “behaviorista”) como uma forma de “transe”, na qual se pode distinguir um tipo “hipercinético” (de caráter mais espetacular e agitado), diferente do que se pode chamar de transe “hipocinético”, que é mais calmo e está frequentemente associado sobretudo ao chamado misticismo.<sup>8</sup>

Assim a pessoa atribui a uma segunda consciência seus males, e nem sempre está consciente disso, não necessariamente há algum

problema psíquico, mas ocorre mais por uma imitação grupal inconsciente ou ao menos relatada de que quando possesso não se lembrava de nada. Ocorre que tais fenômenos ainda não têm plena explicação científica, mas são estados ligados a cultura e são fenômenos complexos. Qualquer tentativa de explicação seria um reducionismo a complexidade que é o comportamento humano. Pierre Verger,<sup>9</sup> diz que o “Transe religioso é o estado natural e bruto do ser humano”.

Hoje mesmo a psiquiatria reconhece que apesar de alguns quadros neurológicos e/ou psiquiátricos possam ter correspondência ou semelhança com algum desses comportamentos nem sempre deve ser patologizado. O psiquiatra Krippner em excelente artigo dispõe:

Em nosso meio a maioria das pessoas que se apresenta em transe não é, decididamente, portadora de nenhuma patologia psiquiátrica. Trata-se da influência de elementos sócio-culturais na representação da realidade, tratados mais adiante com o nome de Psiquiatria Transcultural. Algumas crises neurológicas (Epilepsias), neuropsiquiátricas (Síndrome de Tourette) ou psiquiátricas propriamente ditas (Histerias e fins), podem se manifestar por uma sensação de horror e medo, por violentas convulsões, por lançar o enfermo ao solo, por fazê-lo falar “línguas estranhas”, enfim, por sintomas culturalmente atribuídos aos demônios ou outras entidades igualmente poderosas.

Embora os sintomas básicos das doenças mentais sejam uniformes e universais, eles sofrem grande influência do contexto cultural. O delírio, por exemplo, assim como as alucinações, ocorre universalmente em pacientes esquizofrênicos do mundo todo, assim como também é universal a teatralidade dos histéricos, ou as palavras estranhas que falam os portadores da Síndrome de Tourette e assim por diante. É a mesma coisa, por exemplo, que a manifestação universal da febre diante de uma

infecção, em qualquer lugar do mundo e em qualquer povo.

Entretanto, delirar e alucinar com isso ou aquilo, ou seja, o tema do delírio, dependerá do conteúdo cultural de cada um. E, mesmo assim, muitos casos continuam sendo objeto de controvérsia, especialmente quando o entorno cultural da pessoa favorece a interpretação demoníaca.

Para os Pentecostais, como vimos, trata-se do Batismo com Espírito Santo, ou seja, do exercício de um ou mais dons extraordinários, como por exemplo, o dom de falar em línguas estranhas, etc. Na psiquiatria a emissão de sons desconexos leva o nome de glossolalia. E de fato, essa questão pode ser vinculada a uma problemática fundamental na constituição do sujeito humano; sua relação com a linguagem.

Pode ser que a sensação de poder se comunicar com o sobrenatural, de ser escolhido como porta-voz dos espíritos, de ter sensibilidade especial (diferente dos outros), de poder curar, de poder prever ou influir no futuro, nos faça sentir especiais, sobre-humanos.<sup>10</sup>

A possessão existe em todas as culturas religiosas, cada qual com sua particularidade. Entre os pentecostais tradicionais é atribuído o fenômeno do mal. Entre os neopentecostais é show de propaganda. Há uma grande diferença entre pentecostais tradicionais, caso de análise deste estudo, exemplificado pelos assembleianos e entre os neopentecostais. Sobre a diferença recomenda-se a obra de Ricardo Mariano<sup>11</sup>. No caso de possessão quando alguém se manifesta supostamente possuído por um demônio, não há conversa com este, ou “show entrevista” com o possesso, fato típico das igrejas neopentecostais; um grupo de irmãos, geralmente os diáconos, oram e expulsam o demônio, se houver barulho eles levam para o fundo da

*Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 353-383, Jan-Abr, 2018.*

igreja se ainda assim houver problemas chamam um irmão experiente ou o pastor. Não há exorcismo no meio de culto, sendo uma prática privada entre possesso e exorcista, tal prática de usar como show por outras igrejas é duramente criticada.

Assim culpar o demônio por males que não podem ser controlados e ter o dom de se encontrar com Deus torna a pessoa espacial, com uma explicação fácil das suas benesses e problemas. Torna-se assim mais achegado ao sagrado, ao divino. Torna-se um templo do espírito santo ou nas dificuldades culpa o diabo.

### **Quem é o fiel religioso?**

Conceituar experiência religiosa não é coisa fácil, há inúmeros conceitos, mas é a partir da experiência que o sujeito se identifica como verdadeiramente pentecostal. Mais além, não se trata apenas da experiência, mas de um misto de conversão e aceitação da comunidade e da própria experiência. Só a partir desse fenômeno é que ele será mais bem aceito em sua comunidade e poderá ser considerado um fiel. Os fieis acreditam na determinação religiosa e suas crenças sagradas. Alguns como, por exemplo, os protestantes históricos acreditam de modo crítico, outros como por exemplo alguns fundamentalistas neopentecostais afazem uma leitura acrítica e fundamentalista e assim acreditam literalmente naquilo que é relatado em escrituras.

Assim o fiel de uma crença vai se reafirmar como pertencente a algo maior do que ele, e essa experiência determinará toda a sua vida. A

experiência é um misto do que ele crê em ser sagrado e de ser aceito no seu grupo.

É através da experiência que o crente é reconhecido e cria sua identidade de sujeito coletivo. Ao reelaborar uma linguagem nova, a partir daquilo que já lhe era comum em sua religiosidade e com o acréscimo do discurso das escrituras, o convertido estrutura uma nova realidade e um novo imaginário que definem uma nova maneira de viver e de se relacionar socialmente. Cria, portanto, novas relações de força e de poder diante das dificuldades do cotidiano.<sup>12</sup>

Sua experiência consiste na crença da presença constante do contato com o seu Deus e isso vai determinar toda sua vida inclusive extrarreligiosa, algo que não acontecia há séculos na cristandade. O sagrado existe, no sentido Eliadiano, em oposição ao profano. Ele se constitui na concepção de um mundo trans-humano, comumente de origem divina, que diz respeito à existência de uma transcendência que extrapola os quadros da realidade imediatamente visível e sensível. Porém o fiel popular acrítico e fundamentalista vai constituir-se no sagrado. Tudo em sua vida crê que será sagrada, sua família, seu trabalho, suas manifestações religiosas, suas palavras, sua moral, seu modo de se relacionar com os outros, em suma acredita que sua vida será sagrada.

A experiência espiritual é inexplicável, os relatos são de puro transe, ou seja, não dá para o sujeito que sofreu a experiência explicar. Mas a partir dessa experiência sua vida muda. Há diversos relatos de pessoas que mudam radicalmente de vida após a experiência, os exemplos são inúmeros, prostitutas que controlam sua sexualidade, bandidos que não roubam mais. A experiência chega a ser superior a

dependência neuroquímica, diversos relatos de pessoas que pararam de usar drogas, bebidas e cigarro após serem “batizadas” com passarem por experiências místicas e religiosas, um relato com entre pentecostais, talvez porque seja outra experiência neuroquímica.

Ao ser convertido, o fiel vai criando e recriando modos de ser e fazer e se relacionar, ou seja, disposições de ser, que serão mais ou menos duráveis, transpondo-o a outras práticas que não só as religiosas, adquirida com as experiências dos membros já preexistentes no grupo. Cria-se assim uma matriz de ver, apreciar (instituir valor) e agir no mundo. Desse modo, realiza sua vida de acordo com os novos valores que lhe foi transmitido.

Émile Durkheim estudando a religião observa que “o sagrado e o profano foram pensados pelo espírito humano como gêneros distintos, como dois mundos que não têm nada em comum... existe religião tão logo o sagrado se distingue do profano”<sup>13</sup>. Nesse sentido, considera-se sagrado tudo aquilo que está ligado à religião, magia, mitos, crenças. Em qualquer religião, a concepção do sagrado se manifesta sempre como uma realidade diferente das naturais, remetendo ao extraordinário, ao anormal, ao transcendental, ao metafísico. Quando o processo é tratado como um fato natural, biológico, normal, estamos no campo do profano, de tudo aquilo que não é sagrado. Porém para o pentecostal tudo será sagrado, mesmo o mundo profano será sagrado pois é algo espiritual, o diabo, que o impulsiona em seus desejos humanos a qual chama de “carnais”.

O profano vai se manifestar naquilo que é pecado e sua vida será uma busca de separação do que seja pecado, não que não peque, mas ao

menos em seu discurso social vai buscar viver a santidade. Aliás, é o primeiro a assumir que todos são pecadores, mas sua vida vai se transformar segundo essa experiência. Porém mesmo o profano é espiritual ou sagrado,<sup>14</sup> pois acredita tratar-se de uma força maligna, o diabo, que faz com que peque.

A linguagem do fiel vai passar a referenciar o mundo, os males serão atribuídos ou à permissão de da divindade considerada boa, em uma suposta prova que passaria com a finalidade de alcançar as bênçãos, ou será culpa do das divindades más. A participação em um grupo social religioso muda o modo como o ser humano se relaciona com o mundo, e oferece uma nova visão e traz novas explicações ao ser “convertido”.

Assim ele muda sua relação com o mundo constituído, reinventando/recriando a memória de onde se constitui enquanto ser total e social. Chega a negar sua vida anterior antes da conversão como uma vida suja, às vezes, quando pertencente à outra religião previamente, passa a negar e perseguir essa religião como falsa, o que pode trazer problemas de interação social, chegando à casos extremos de crimes de intolerância quando a ignorância ultrapassa o bom senso. Porém assim se reconstitui naquilo que considera um ser novo, um convertido.

Assim a manutenção de suas tradições não será fácil, muito menos a perda delas. Para os fiéis fundamentalistas, o mundo moderno se constitui em uma crise e a rígida manutenção dos seus valores é uma reação a isso, uma forma de proteger-se contra algo desconhecido que são os valores contemporâneos. Desse modo procura uma forma de ser e agir no mundo, que por vezes pode ser retrógrada, mas consistente

com uma identidade em formação. Sua identidade é ligada a sua convicção religiosa de santidade, a qual entende ser a separação do mundo dos desejos do mundo. É assim que se definem como separados dos desejos mundanos.

Seu discurso é uma eterna afirmação de socorro que manifesta a impotência do homem ante a esse quadro caótico. Uma ideologia de salvação apocalíptica a qual o seu Deus logo vem lhe salvar desse mundo tenebroso. Assim se constitui o seu discurso religioso optando sempre ou para o Deus que vem lhe socorrer ou encontrando um culpado para as agruras do mundo: o diabo.

Podemos citar como exemplo o Pentecostalismo, que em geral se caracteriza como uma experiência religiosa ou como uma espiritualidade cristã mais do que uma particular interpretação do cristianismo. Não se trata, por exemplo, de uma teologia do Espírito Santo, mas de uma maneira de se relacionar com o divino, que crê sentir a presença ativa do Espírito na comunidade dos crentes e de perceber a manifestação do poder de Deus no indivíduo. Ou seja, Deus age de fato, ou acredita-se que Deus age diretamente através do Espírito em suas vidas, suas liturgias, sua vida econômica, sua saúde etc.

Estes fiéis acreditam que toda sua vida, ou melhor, seu agir no mundo é guiado por providência e permissão do Espírito Santo, seu agir-no-mundo ou sua sabedoria vem então do divino. Usam para isso sua particular interpretação da Bíblia, como não tem uma escola teológica a ser seguida, há uma quase ausência de teologia que se guia, portanto, não é guiada por um pensamento ou escola humana e sim diretamente vinda de Deus. O protestante, em particular o pentecostal, não está imune às

mudanças do mundo moderno e no que impacta sua identidade e memória. As mudanças que ocorreram no mundo afetam por demais a igreja protestante e a identidade dos crentes.<sup>15</sup> O pentecostalismo ortodoxo também se faz impactado. Hoje não é mais possível saber quem é o pentecostal e também o assembleiano, o pertencente à igreja(s) da Assembleia de Deus com facilidade. Assim como os hebreus assumem um testemunho de Seus Deus e creem também serem povo escolhido d'Ele. Através da experiência paulina e pentecostal dão testemunho de vivência direta com o Deus vivo através do Espírito Santo, sua crença se fundamenta nisto, é isto que os diferenciam dos demais protestantes: sua crença numa relação direta com o Deus através do Espírito Santo. Não é um estudo racional como o protestantismo clássico, e sim, uma fé que afirma conviver com o próprio Deus a todo o momento de vida. Sua fé está permeada de popularismos e superstições que se formam tipicamente em meio à religiosidade popular.

Brandão, caracteriza, dentre outros fatores a religião popular como capaz de criar e recriar as doutrinas impostas da religião oficial. Como símbolo de escravidão, não se pôde usar *piercing* e, durante muito tempo até mesmo o brinco era proibido. Como se pode observar a proibição de marcas corporais está ligada ao fato da interpretação literal da Bíblia, aliada a um discurso de religiosidade popular.

Depois de absorver os ensinamentos da igreja e incorporá-los seletivamente às devoções locais, os agentes do campesinato recorrem à ideologia vigente de classe, em suas comunidades, para redefinirem símbolos, crenças, rituais e modos de conduta religiosa ou de conduta civil regida pela religião.<sup>16</sup>

O autor reafirma que a tradição de religiosidade popular do pentecostalismo está na existência de um “povo crente”, fluido, que percorre barracões e quintais procurando uma “igreja quente”, onde será pregada a essência da palavra de Deus, e não em instituições religiosas, por isso, são “firmes na fé”. Assim os pentecostais reinventam seu jeito de ser e fazer na sua santidade e busca de ser perfeito aos olhos Deus, portanto se alguém proíbe algo como o uso de marcas corporais, esse uso será tabu. Mas o tabu ao que parece, é logo superado pela vontade da juventude da busca de auto-identidade.

Libertação não é apenas se libertar de uma obra maligna, como para as neopentecostais. Para as igrejas pentecostais, libertação é o termino de uma situação ruim qualquer que é atribuída à obra de Deus. Pode ser qualquer situação ruim, se houver uma melhora na vida do crente, isso foi obra de libertação. Ser pentecostal é uma visão maniqueísta de que o mundo é dividido entre forças do bem, representadas por Deus, e do mal representadas pelo diabo:

Um ambiente no qual a presença do “Mal” seria forte e deveria ser combatida em intensas e cotidianas “batalhas espirituais” para as quais lideranças e demais adeptos devem estar “em oração”, a fim de enfrentar o grande desafio que elas representam. [...] este ponto assume grande relevância, visto que a comunicação entre os ethos pentecostal e o (suposto) ethos de guerra presente nas favelas é assumido por alguns autores como um fator preponderante para a compreensão do grande número de igrejas evangélicas nessas localidades. Ou, em outras palavras, a perspectiva teológica e doutrinária dos evangélicos pentecostais que compreende o “mundo” (categoria que expressa a oposição entre o “Bem” e o “Mal”, entre o “Céu” e a “Terra”, entre o “mundo” da morte do espírito e a

“vida plena na Igreja com o Senhor”) como o lugar da guerra, que fala do inimigo, do chamamento ao “exército do Senhor”<sup>17</sup>.

As fiéis das assembleias de Deus (AD) não atribuem todas as doenças aos pecados e demônios, mas creem na cura por intermédio delas mesmo para doenças incuráveis pela medicina. Há diversos relatos, como naqueles que foram concedidos a este trabalho, de cura de depressão, de doença cardíaca, de convulsão neurológica e de livramento de vício de drogas e bebidas que serão oportunamente analisados. Há libertação de uma doença ou de um vício.

Porém o demônio não é desprezado. Ele é visto como uma força atuante no mundo, responsável por uma ampla gama de males causados ao indivíduo. Para se resolver seu problema, basta ao crente, “aceitar Jesus” e se “libertar” do mal e do demônio. O desejo de se libertar está ao alcance do indivíduo, portanto sua recuperação é sua responsabilidade. Desta forma, se enfatiza que a solução ou cura do mal está nas mãos do indivíduo, é sua responsabilidade, mesmo que esse não tenha sido responsável por sua origem nem o tenha causado por sua vontade. Mas isso não é espetacularizado, como um show, e o demônio não é o foco do culto e sim, a mensagem de salvação.

O culto de libertação começa como todo o culto, com oração e músicas; depois, há o chamamento de testemunhos; posteriormente há a preleção de palavra. O culto sempre termina com chamado à oração de libertação. O preletor faz o convite, chamando primeiramente os presbíteros e pastores (obreiros), que fazem um círculo na frente do altar, e estende esse convite aos fiéis, àqueles que desejam se libertar de algum mal (doença, vício, falta de emprego etc.). Durante a execução de *Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 353-383, Jan-Abr, 2018.*

um ou dois louvores em sequência, os obreiros oram pelas pessoas que se apresentaram. Raramente há manifestação de transe pentecostal ou demoníaco nesse tipo de culto.

A manifestação típica dos transe demoníacos varia entre expressões faciais contorcidas em caretas, grunhidos, gritos, giros, quedas e desmaios. Sempre há a resposta ao comando do indivíduo que está orando, que “paralisa” o demônio em nome de Jesus. Ao ouvir esse nome, o possuído por demônio para e prostra-se ante o orador, que em nome de Jesus exorciza-o, mandando embora. O indivíduo sai do transe relatando se sentir bem, apesar de cansado. Os relatos são tais como: “estou me sentido leve, melhor”<sup>18</sup>. Em poucos cultos, é provável que este indivíduo relate perante toda a igreja a libertação alcançada.

Estados alterados de comportamento podem ser definidos como transe são observados em várias comunidades por antropólogos. Esses fenômenos são relatados por historiadores desde a antiguidade, e notadamente no cristianismo. Vários santos da igreja católica são retratados em êxtase, como obra do contato com Deus, ou atormentados por demônios.

Na iconografia cristã, são vários os episódios de transe e êxtase, bem como de possessão ou obsessão demoníaca, o que prova que desde os primórdios da igreja cristã primitiva, e ainda hoje o demoníaco se está faz presente na crença religiosa. Como crentes nas escrituras, há na bíblia algumas passagens de possessos, é comum nos cultos de libertação as passagens bíblicas descritas em Mateus 9:32-33 (E, havendo-se eles retirado, trouxeram-lhe um homem mudo e endemoninhado. E, expulso o demônio, falou o mudo; e a multidão se maravilhou, dizendo: Nunca

tal se viu em Israel.), ou Mateus 12:22; Mateus 17:18; Marcos 7:26-30; Lucas 4:33-36; Lucas 22:3; Atos 16:16-18. Mas a preferida dos cultos é sempre Marcos 5:1-20<sup>19</sup>. Assim o fiel atribui à libertação do demônio a presença espiritual de Jesus Cristo, a qual crê fielmente ser a causa de sua cura/libertação.

Sobretudo nas formas religiosas que buscam pureza espiritual, como o pentecostalismo, é comum o transe, o êxtase e a possessão. Na famosa pintura de El Greco, São Francisco, mesmo em face da morte tem o vislumbre do brilho do espírito de Deus e entra em êxtase.

### **Medicalização e cientifização da religião**

Como observado à possessão faz parte de uma crença complexa das religiões e tem lugar de destaque no pentecostalismo. Apesar de ser uma manifestação interessante não pode ser considerado, ao menos na maioria dos casos como doença. Até bem pouco tempo atrás considerada uma forma de epilepsia novos diagnósticos provam que fenômenos parecidos com a possessão não estão ligados a nenhum transtorno neurológico.

A pesquisa de Sebire<sup>20</sup>, publicada nos anais de neurologia da sociedade de neurologia norte-americana mostra que apenas cerca de nove por cento dos pacientes que apresenta condições análogas a possessão demoníaca tem algum transtorno neurológico, assim a grande maioria não há diagnóstico médico. A grande maioria dos casos são expressões de certa cultura ou religiosidade ou desculpas.

Assim a pessoa atribui a uma segunda consciência seus males, e nem sempre está consciente disso, não necessariamente há algum problema psíquico, mas ocorre mais por uma imitação grupal inconsciente ou ao menos relatada de que quando possuo não se lembrava de nada.

A psiquiatria sempre viu tais fenômenos como loucura ou patologia sobretudo no Brasil levado por confrontos e domínios políticos e usos políticos da ciência psiquiátrica levada a cabo por Nina Rodrigues, os historiadores da saúde analisando a visão da psiquiatria concluem em análise:

Até o final da primeira metade do século XX, a postura predominante entre os psiquiatras do eixo Rio de Janeiro-São Paulo foi de combate às práticas espíritas e mediúnicas em geral. Um dos fatores que podem colaborar no entendimento dessa questão é que tanto a psiquiatria quanto o espiritismo, por serem contemporâneos, procuravam legitimar os seus espaços social, cultural, científico e institucional dentro da sociedade brasileira. O espiritismo buscava se inserir não apenas no campo religioso, mas também se legitimar no campo científico. Concomitantemente, a psiquiatria, por constituir ainda uma nova área da ciência médica, lançava os alicerces para a fundação de sua hegemonia no campo científico. Dessa forma, tanto a psiquiatria quanto o espiritismo objetivaram explicar de modos diferentes questões comuns: a origem da mente, a relação mente-corpo, a loucura, modos de tratamento e prevenção. Colocavam-se em confronto duas representações sobre o ser humano e a loucura, instaurando-se assim uma franca disputa pela hegemonia de ambos os grupos no campo científico. Com isso, ao grupo vencedor seria conferida autoridade científica e intelectual para estudar e explicar a mediunidade, o funcionamento da mente e a origem das doenças mentais.<sup>21</sup>

Somente na segunda metade do século XX os fenômenos espirituais não explicáveis na visão de poucos e raros psiquiatras e neurologistas e que esses fenômenos foram incluídos como integrantes do universo cultural da sociedade e sem patologias, porém no meio médico é muito comum patologizar tais fenômenos. É claro que ainda há de ser feita muita pesquisa científica para se descobrir a natureza psíquica-neural desses fenômenos, o que tem ocorrido grandemente nas ciências cognitivas.

A racionalização e o positivismo que se baseia na crença férrea do cientificismo<sup>22</sup>, toma conta do Brasil no século XIX inclusive da medicina. Assim valores humanos e suas expressões como o religioso, o sagrado, são deixados de lado. Renato Ortiz (1994) estuda os pensadores sobre o Brasil século XIX e início do século XX, como Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, que querem explicar o povo e suas manifestações com argumentos racistas e desvalorização das práticas populares desvalorizar toda condição não científica.

Para Bourdieu (1974), a ciência e o conhecimento moderno foram baseados em duas formas de conceber a realidade das coisas originadas no mesmo contexto histórico, a França do século XVIII, cujas essas bases são o Racionalismo e o Positivismo. Tais bases implicam em várias consequências epistemológicas, sendo uma delas o distanciamento científico. Esta metodologia de descrição e análise da experiência implica um ideal positivista da neutralidade e do distanciamento “científico” do observador relativamente ao objeto para investigar a verdade “pura”.

Mas tal paradigma é uma suposição falha, há uma suposta neutralidade do discurso científico e sobre a suposta necessidade de distanciamento do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa. Todo discurso (as pesquisas, descobertas científicas se traduzem em discursos também) é produzido por uma pessoa, que é o sujeito desse discurso, e traz as marcas desse sujeito, que vive num determinado tempo e espaço.

O médico Nina Rodrigues, com a clara finalidade de fazer desacreditar as religiões e curas religiosas, em especial a do negro, também na sua obra “As coletividades anormais”<sup>23</sup> cita os tranSES e possessões pentecostais sugerindo a internação em asilos de loucos e o trancafiamento dos possessos como portadores de doenças perigosas. Era uma expressão da medicina como dona da verdade, produto típico da modernidade. A razão dita racionalizada que serve para equilibrar o mercado, nunca produziu tanta loucura, quem não se encaixa no sistema e tem uma crise é considerado louco. Esse suposto diagnóstico só serve aos interesses do sistema de poder político e econômico estabelecido.<sup>24</sup>

Nina Rodrigues mal descreve os pentecostais, nem usa esse nome, uma vez que ainda não estavam muitos espalhados pelo Brasil, mas usa dois excertos interessantes:

Nesta população de espírito infantil e inculto, assim atormentada por uma aspiração religiosa não satisfeita, forçosamente havia de fazer profunda sensação a figura impressionante de um profeta ou enviado divino desempenhada por um delirante crônico na fase megalomaniaca da psicose [...] (op. cit. p. 36)

Assim atribui o nascimento de religiões e seitas ao um espírito inculto de um povo.

Em outro excerto:

O contágio por imitação de uma síndrome nervosa estranha, que as proporções crescentes da epidemia ainda tornaram mais insólito, operando num meio que circunstâncias múltiplas, meteorológicas, étnicas, político-sociais e patológicas, tinham grandemente preparado, tais foram em suma as causas da epidemia coreiforme que percorreu nestes últimos quinze anos o Norte do Brasil e nele reina ainda hoje sob forma de uma endemia (op. cit., p. 39).

Como é sabido o pentecostalismo no Brasil nasceu no em Belém do Pará<sup>25</sup>. Assim a medicina e desenvolve no Brasil com a visão de que reações populares devem ser medicalizadas no pior sentido. Com choque e trancafiamento. Muitos supostos possessos até bem recentemente, eram (e são) internados e trancafiados apenas por não saber lidar com seus problemas.

### **Hoje, um vislumbre de respeito**

Ainda hoje, por causa da herança do século XIX, muitos dos horrores vividos em hospícios se devem a visão dos médicos do século XIX. Porém hoje, embora ainda haja uma tentativa de medicalização de fenômenos culturais já há certo respeito pela religião. Csordas<sup>26</sup> chega a afirmar que em casos de Possessão deve-se fazer o ritual de exorcismo com um líder religioso que tenha compressão do quadro médico, opinião também de Barrier et al<sup>27</sup>, Gaines,<sup>28</sup> e mais recentemente por Belmaker,<sup>29</sup> todos neurologistas ou psiquiatras.

O DSM-5<sup>30</sup> em sua última versão ele traz uma categoria até então pouco estudada no campo na neurologia e interessante para as ciências cognitivas - *posse trance disorder* (PTD) ou traduzido (tradução nossa) - transtorno dissociativo de possessão. Diversos relatos orais de pessoas que se dizem ex-possessos, possessos, e líderes religiosos em uma perspectiva diferente das religiões midiáticas, que exploram o fenômeno da possessão a fim de fazer show ou angariar dinheiro, tem sido utilizado para comprovar que os ritos de possessão tem dado grande alívio a angústia existencial de tais pessoas, nosso objeto de pesquisa são esses relatos e observação de tais pessoas. Ocorre que tais fenômenos ainda não têm plena explicação científica, mas são estados ligados a cultura e são fenômenos complexos. Qualquer tentativa de explicação seria um reducionismo a complexidade que é o comportamento humano. A perspectiva científica apresenta historicamente uma explicação única tal como uso de medicamentos e drogas e explicações reducionistas em termos de epilepsia, esquizofrenia e transtorno de posse trance (PTD) ou transtorno de possessão, uma possível variante do transtorno dissociativo de identidade. Nada mal ou sobrenatural assume a identidade da pessoa com PTD. No entanto, exorcismos realizados em pessoas com doenças mentais continuam até hoje.

Assim define o DSM-5

Transtorno de transe dissociativo: perturbações simples ou episódicas do estado de consciência, identidade ou memória que são indígenas para locais e culturas específicas. transe dissociativo envolve o estreitamento de consciência dos arredores imediatos ou comportamentos estereotipados ou movimentos que são experimentadas como sendo além do controle. transtorno de possessão envolve a

substituição do habitual senso de identidade pessoal por uma nova identidade, atribuída à influência de um espírito, poder, deidade, ou outra pessoa e associada a movimentos involuntários estereotipadas ou amnésia, e é talvez o transtorno dissociativo mais comum na Ásia. Exemplos incluem amok (Indonésia), bebainan (Indonésia), latah (Malásia), pibloktoq (Arctic), ataque de nervos (América Latina), e possessão (Índia). O transtorno dissociativo ou transe não é uma parte normal de uma prática cultural ou religiosa coletiva amplamente aceito.

Possessão é um construto mais amplo do que o PTD, pois pode ser utilizado como uma atribuição não específica para eventos que explicam (por exemplo, doença, Acidente) que excede o transtorno de identidade ou uma alteração patológica. Em contrapartida, no PPT é apenas estudado o subconjunto de experiências de possessão, definido como uma alteração da consciência em que a pessoa experimenta sua identidade como sendo substituído por um antepassado, espírito, ou outra entidade (ou seja, a posse transe) e essas alterações são involuntários, angustiante, incontrolável, muitas vezes crônica, e envolvem conflito entre o indivíduo e seu meio social ou de trabalho.

Apesar de não ser uma solução médica o respeito à crença e orações tem agora sido reconhecido pela medicina com benéficas a saúde, desde que com limites. Não há nada de errado em deixar o paciente tentar sua crença para espantar aquilo que crê ser mal. Ao ser encaixado DSM-5, como sem causa neurológica, quer dizer que a medicina não tortura mais trancafiando crentes, mas quer dizer que ainda quer ser dona da verdade como perícia, no sentido de que Giddens nos alerta. Se nas sociedades tradicionais, o corpo representava a harmonia

com a natureza através de suas marcas totêmicas, hoje ele será reconhecido apenas pela medicina técnica, ou o que ele chama de sistema perito abstrato em uma clara invasão do que seja a real natureza do corpo, assim o corpo se torna um local de interação, apropriação e reapropriação científica / midiática sempre submissa a um sistema político/econômico.

A apropriação do corpo pelos sistemas peritos o reduz a um entendimento científico, isso impede o pleno desenvolvimento e mesmo o reconhecimento do corpo enquanto entidade também cultural. Não é mais o *self* que dita o corpo e sim a medicina. Na racionalidade atual, o científico se torna dono da verdade, a fé é dada ao sistema perito como diz Giddens<sup>31</sup>. O que é místico, religioso sagrado não só é desprezado como outras coisas vão tomando seu lugar, o ritual é reinventado e reformulado. O mesmo ocorre com o guardião, substituído pelo especialista, o perito. As tradições são entrecortadas e destruídas por imposição de novas forças comunicantes a tradição, reinventa-a, e, neste sentido, também expressa *continuidade*. Grande parte dos valores relacionados à tradição permanece e se reproduzem no âmbito da comunidade local. Na verdade, as instituições de domínio não podiam desconsiderar a tradição preexistente e, vários aspectos, dependiam delas, uma vez que foram/são<sup>32</sup> usadas para domínio e superação dessas mesmas tradições<sup>33</sup>.

A fé, segundo Giddens (op. cit), passa a ser dada ao sistema perito (não mais a divindade) e, portanto, não mais a religião que responde ao anseio humano. A ciência responde aos anseios do indivíduo. Mas todos esses fatos históricos geram uma crise, pois o

projeto moderno falha em sua promessa de dar ao indivíduo e ao povo a prometida, liberdade, igualdade e fraternidade. Não se tem liberdade a não ser para consumir o que a comunicação de massa lhe impõe, não há igualdade e sim concentração de renda, e de fraternidade é um valor perdido junto com as tradições religiosas, nem se fala nela mais, o individualismo é o que pauta as relações. Talvez os mitos e crenças, desde que não atrapalhem direitos humanos, devam ser reavaliadas pela ciência e não querer ditar uma única verdade.

## Referências

**Bíblia de Estudo Pentecostal.** Trad. João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corrigida. Rio de Janeiro - RJ :CPAD-1995.

CERTEAU, M. **La possession de Loudun.** Paris: Gallimard, 1970.

DSM-5- American Psychiatry Association. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. V edition. - DSM-5. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 2012. Versão 4.0. 1 CD-ROM.

GOODMAN, F. D. **The Exorcism of Anneliese Michel.** Garden City: Doubleday and Co., Inc. 1981.

MCLEISH. **Aristoteles.** UNESP, SP-SP, 2000.

ROLIM, F. C. **O Que É Pentecostalismo.** São Paulo: Editora Brasilense, 1985.

SALAMONE, F. A. **Encyclopedia of religious rites, rituals, and festivals.** Berkshire Publishing Group, 2004.

SARTRE, J.-P. **O ser e o nada.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVEIRA, L. **Para além de anjos, loucos ou demônios**: um estudo sobre modos de subjetivação da loucura, a partir das experiências religiosas de usuários de um CAPS, nas igrejas pentecostais, em um município do interior da Bahia. Dissertação de Mestrado: Salvador, Instituto de Saúde Coletiva, UFBA, 2008.

## Notas

---

\* Antropólogo, Advogado, historiador, mestre em filosofia, doutorado em ciências da Religião -METODISTA, Doutorando em Ciências sociais UNESP-FCLAr, professor substituto de etnografia da UNESP – FFC, professor titular das Faculdades Gran Tiête, professor da pós-graduação de antropologia da USC. ORCID - 0000-0002-0668-4015.

<sup>1</sup> ZANGGER, E. **Who Were the Sea People?** Saudi Aramco World review. pp. 20-31 May/June 1995. Disponível em <http://archive.aramcoworld.com/issue/199503/who.were.the.sea.people.htm> acesso em 16/04/2017.

<sup>2</sup> Um estudo detalhado sobre possessões na idade media e em especial o famoso caso de Loudun está na obra de Michel de Certeau *La possession de Loudun* ainda sem tradução para o português. Uma resenha de minha autoria sobre a obra está disponível no <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/view/1178> na revista PLURA, REVISTA DE ESTUDOS DE RELIGIÃO VOL. 8, NO 1, JAN-JUN (2017)

quanto aos exorcismos mais modernos recomendamos a obra de Goodman.

<sup>3</sup> MARTINS, J. de S. **A aparição do demônio na fábrica**: origens sociais do Eu dividido no subúrbio. São Paulo: Ed. 34, 2008. p. 43.

<sup>4</sup> BIRMAN, P. (1994) Cultos de Possessão e Pentecostalismo no Brasil: Passagens In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, n. 17, 1994.

<sup>5</sup> LATOUR, B. **Reassembling the Social**: an Introduction to Actor-Network Theory. New York: Oxford Press University, 2005. p. 102.

<sup>6</sup> WILLAIME, J.-P. **La Précarité protestante**. Sociologie du protestantisme contemporaine, Paris, Labor et Fides, 1992, p. 62.

<sup>7</sup> TAJIMA-POZO, K., et al. **Practicing exorcism in schizophrenia**. **BMJ Case Reports**. 2011, disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3062860/> acesso em: 14/02/2017.

<sup>8</sup> MAUES, R. H. “Bailando com o Senhor”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 46, n. 1, 2003. Available from:

---

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003477012003000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477012003000100001&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 17 Feb. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012003000100001>. p. 25.

<sup>9</sup> VERGER, P. F. **Orixás**. São Paulo: Currupio, 1981.

<sup>10</sup> KRIPPNER, S. Os primeiros curadores da humanidade: abordagens psicológicas e psiquiátricas sobre os xamãs e o xamanismo. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 34, supl. 1, pp. 150-174, 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832007000700004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 08/04/2018. pp. 158-159.

<sup>11</sup> MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

<sup>12</sup> COSTA, J. A. **Salvação e Comportamento Moral**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, PUC-SP. 2004. p. 76.

<sup>13</sup> DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 150.

<sup>14</sup> ELIADE, M. **O sagrado e o profano – a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>15</sup> WESTHELE, V. Teologia e Pós-modernidade In: MARASCHIN, J. (org.) **Teologia sob limite**. São Paulo: ASTE, 1992. pp. 143-166.

<sup>16</sup> BRANDÃO, C. R. **Os deuses do povo: um estudo sobre a Religião popular**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 204.

<sup>17</sup> CUNHA, M. do N. **A explosão Gospel, um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad editora, 2007. p. 241.

<sup>18</sup> BIRMAN, op. cit., 1994, p. 3.

<sup>19</sup> E chegaram ao outro lado do mar, à província dos gadarenos. E, saindo ele do barco, lhe saiu logo ao seu encontro, dos sepulcros, um homem com espírito imundo; O qual tinha a sua morada nos sepulcros, e nem ainda com cadeias o podia alguém prender; Porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram por ele feitas em pedaços, e os grilhões em migalhas, e ninguém o podia amansar. E andava sempre, de dia e de noite, clamando pelos montes, e pelos sepulcros, e ferindo-se com pedras. E, quando viu Jesus ao longe, correu e adorou-o. E, clamando com grande voz, disse: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? conjuro-te por Deus que não me atormentes. (Porque lhe dizia: Sai deste homem, espírito imundo.) E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? E lhe respondeu, dizendo: Legião é o meu nome, porque somos muitos. E rogava-lhe muito que os não enviasse para fora daquela província. E andava ali pastando no monte uma grande manada de porcos. E todos aqueles demônios lhe rogaram, dizendo: Manda-nos para aqueles porcos, para que entremos neles. E Jesus logo lho

---

permitiu. E, saindo aqueles espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada se precipitou por um despenhadeiro no mar (eram quase dois mil), e afogaram-se no mar. E os que apascentavam os porcos fugiram, e o anunciaram na cidade e nos campos; e saíram muitos a ver o que era aquilo que tinha acontecido. E foram ter com Jesus, e viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido e em perfeito juízo, e temeram. E os que aquilo tinham visto contaram-lhes o que acontecera ao endemoninhado, e acerca dos porcos. Marcos 5:1-16.

<sup>20</sup> SEBIRE, G. **In search of lost time from “Demonic Possession” to anti-N-methyl-D-aspartate receptor encephalitis.** *Ann Neurol.* 2010; 67: 141–142. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/wol1/doi/10.1002/ana.21928/full>, acesso em: 11/02/2017.

<sup>21</sup> ALMEIDA, A. A. Silva de; ODA, A. M. G. R.; DALGALARRONDO, P. O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 34, supl. 1, pp. 34-41, 2007. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832007000700006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700006&lng=en&nrm=iso). access on 04 Feb. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832007000700006>. p. 39.

<sup>22</sup> GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Unesp. 1991.

<sup>23</sup> RODRIGUES, N. **As Coletividades Anormas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188307/As%20Coletividades%20Anormais.pdf?sequence=3>, acesso em 09/02/2017.

<sup>24</sup> FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade Clássica.** São Paulo: Perspectiva, 1997.

<sup>25</sup> ALENCAR, G. F. de. **Matriz Pentecostal Brasileira:** Assembleia de Deus. 1911-2011. Novos diálogos, 2013.

<sup>26</sup> CSORDAS, T. J. Medical and sacred realities: Between comparative religion and transcultural psychiatry, **Cult Med Psych** (1985) 9: 103. doi:10.1007/BF00048541, 1985.

<sup>27</sup> BARRIER. CASSILETH, Ph.D.; EDWARD J. LUSK, Ph.D; THOMAS B. STROUSE, B.A.; BRENDA J. BODENHEIMER, B.A. *Contemporary Unorthodox Treatments in Cancer Medicine: A Study of Patients, Treatments, and Practitioners* MEDICINE AND PUBLIC POLICY American College of Physicians, 1984. Disponível em <http://annals.org/aim/article/698679/contemporary-unorthodox-treatments-cancer-medicine-study-patients-treatments-practitioners> acesso em 09/02/2017.

---

<sup>28</sup> GAINES, A.D. Ethnopsychiatry: The cultural construction of psychiatries. In: GAINES, D. (Ed.). **Ethnopsychiatry**: The cultural construction of professional and folk psychiatries. Albany, NY: SUNY Press, 2002. pp.3-49.

<sup>29</sup> BELMAKER, R.H. The limits of scientific understanding and their relevance for the role of religion in psychiatry. In: VERHAGEN, P. J. et al (Eds.). Religion and psychiatry: Beyond boundaries. Oxford: Wiley-Blackwell. 2010

<sup>30</sup> No DSM-IV, a possessão espiritual se enquadra na categoria de Transtorno dissociativo Sem Outra Especificação, com critérios de pesquisa mais específicos (mas não um diagnóstico oficial) encaixando dissociativa Trance Disorder (trance posse):

<sup>31</sup> GIDDENS, op. cit., 1991.

<sup>32</sup> O projeto moderno não acabou, certos conhecimentos são usados para continuação do domínio do capital se utilizando de saberes locais, podemos citar como exemplo mega- multinacionais farmacêuticas rotulando remédios naturais e vendendo aos nativos que já sabem do poder desse remédio, a teologia da prosperidade que utiliza a Bíblia como fundamento de sua propaganda, o aprender a língua do colonizado.

<sup>33</sup> RIVERA, 2001.